

# Joel Libombo

## *Não é por decreto que o Desporto vence*

Entrevista conduzida por João de Sousa

Maputo, 6 de dezembro de 2019

*Nasceu em Maputo, no popular bairro de Chamanculo, em 1951, numa família com ligação ao associativismo desportivo e cultural, nomeadamente ao Instituto Negrófilo, que desde 1938 se chamava Centro Associativo dos Negros de Moçambique, à Associação do Futebol Africano (AFA) e ao Sport Nacional Africano, de que o bisavô fora um dos fundadores. Joel Libombo praticou futebol, voleibol e ginástica. A par do desporto, teve uma estreita ligação à música, mormente aos conjuntos musicais “Os Fantasmas” e “Os Vampiros”. Esteve alguns anos ligado ao mundo da radiodifusão, realizando relatos desportivos em língua ronga, da região de Maputo. Estudou e concluiu o ensino secundário no antigo Liceu António Enes, hoje Escola Secundária Francisco Manyanga, a que se seguiu o ingresso no Instituto de Educação Física de Maputo em 1974. Em 1983 foi para o Instituto Superior de Desporto George Dimitrov, na Bulgária, onde se formou em Educação Física. Estudou também na Universidade Metodista de Piracicaba de São Paulo, no Brasil. Nas funções técnicas e de direção que desempenhou na área do desporto, Joel Libombo teve participação relevante na criação de diversas instituições, dos Jogos Escolares, e na criação da Lei do Desporto (2002). Exerceu os cargos de vice-ministro da Cultura, Juventude e Desporto (1995-1998) e de Ministro da Juventude e Desportos (1999-2002).*

**João de Sousa (JS): Quem é Joel Libombo?**

**Joel Libombo (JL):** Chamo-me Joel Matias Libombo, também conhecido por Nwaquinya ou Guerreve, nomes que me foram dados à nascença e que perduram até hoje. Nasci a 29 de Maio de 1951 em Maputo, no N'hlamankulu (Chamanculo), sou filho primogénito de Matias Libombo e de Margarida Moçambique. Eu sou produto de uma relação que hoje se chama prematura. Ela na altura com 15 anos e ele com 19. Vivi com os meus bisavôs, numa primeira fase. Só comecei a falar português aos 4 anos. Até então comunicava-me em ronga. Eu sou descendente de três linhagens familiares influentes, nomeadamente os Libombo pela parte paterna, os Xerindra e os Mafuiana pela parte materna. A minha veia é eminentemente ronga. Sou bisneto dos fundadores do Instituto Negrófilo e do Centro Associativo dos Negros da Colónia

de Moçambique. Aos 10 anos de idade ingressei, como sócio, no NESAM – Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique, onde beneficiei de explicações e comecei a participar em atividades culturais e desportivas locais. A minha família esteve sempre filiada na Igreja Presbiteriana – da então Missão Suíça – e estamos ligados à génese do Instituto Negrófilo (1932). Somos patronos e fundadores do Sport Nacional Africano. O meu bisavô materno, Manicusse Xerindra, foi o fundador e, durante muitos anos, presidente da direção do clube, cuja sede funcionava em casa dos meus bisavôs, onde eu nasci. Foi uma família que cultivou e se enraizou no associativismo, cuja ação era controlada pelo governo colonial. Parte da minha família fez um alinhamento com o Regime, mas a outra parte manteve-se radical na busca duma identidade própria, na época do proto-nacionalismo. Uma família assente nos princípios da Igreja Presbiteriana.

**JS: A sua prática desportiva inicia-se no bairro?**

**JL:** Sim, é aí que começa. Essa atividade era algo que surgia espontaneamente. Pratiquei futebol e andebol no bairro e depois, influenciado por parentes meus, nomeadamente a família Mascarenhas, da Associação Africana, que eram meus vizinhos, pratiquei ginástica. Posteriormente filiei-me no Clube Ferroviário, numa altura em que tive como treinador o conhecido Nuno Abranches. Fui o primeiro preto a inscrever-me na secção de ginástica do Ferroviário.

**JS: Os seus familiares praticaram desporto?**

**JL:** Eu tenho uma referência na família, nos anos 49/50, que é o Carlos Wilson que foi pugilista. Combateu aqui e em Portugal, onde viria a falecer. Essa foi a minha maior referência.

**JS: Como é que acontece a música na sua vida?**

**JL:** Nesse campo eu tenho uma referência muito forte, que era a minha mãe. Ela gostava de cantar. Cantava em todo o lado. Eu sei da existência de uma fotografia onde ela aparece a cantar com o Presidente Samora e com o Presidente Robert Mugabe. A outra influência vem da Igreja Presbiteriana. Ali aprendemos a cantar, participámos em grupos corais, dizíamos poesia, fazíamos teatro. Quando vou pela mão do Teotónio Comiche para membro do NESAM, tinha eu 10 anos, essa minha integração nas atividades culturais toma outra forma. Nós beneficiávamos de explicações, fazíamos excursões, sempre acompanhados dos membros mais velhos. Particpei em muitas atividades com outros companheiros como, por exemplo, o João Honwana, o Fernando Honwana, Inácio Magaia e tantos outros. Nós participávamos em saraus, nas peças de teatro, sendo que estas tinham uma componente satírica dirigida ao regime colonial. Muitas vezes éramos nós,

crianças, que passávamos essas mensagens. É nessa altura que eu começo a criar o gosto pela música. Depois aparece o conjunto musical. Nós tínhamos dois grupos de referência, nomeadamente o “Djambo” (Moisés, Chess, Tiago, Raimundo) e o “Flechas” (Fu Manjate). Havia um terceiro conjunto que era liderado por João Wate. Nós ouvíamos eles tocar e começávamos a sentir atraídos por aquilo, e a coisa ganha forma justamente quando a PIDE fecha o Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique (Esta era a designação oficial, embora muitas vezes se usasse a de Centro Associativo dos Negros de Moçambique).

Nessa altura houve uma dispersão total. Fugimos, cada um foi para o seu lado. Passado algum tempo reunimo-nos de novo, decididos a fazer da música uma das formas de estar na sociedade. Nessa altura eu junto-me ao Soeiro (irmão mais velho do Yana), ao Jerry de Sousa, ao Pedro Cumaio Pires e começamos a aprender. Íamos tocando em vários sítios, um batizado aqui, um casamento acolá. Tocávamos músicas de Roberto Carlos, de Orlando Dias, alguns sucessos da música anglo-saxónica e também a réplica de alguns dos grandes êxitos do “Djambo”. Nos nossos 15 ou 16 anos de idade, procurámos um apoio. Tínhamos um professor no Liceu António Enes, chamado João Boaventura, que abraçou a ideia de nos apoiar. Ele sugeriu que contactássemos a Mocidade Portuguesa, porque por essa via “se calhar poderão ter acesso a instrumentos que vos faltam”. E assim foi. Depois juntámos colegas do liceu que formavam o corpo de dança. Foi a grande oportunidade de introduzirmos nas nossas actuações a marrabenta. Infelizmente, foi sol de pouca dura. Surgiram as dificuldades e consequentemente o grupo desfez-se. Começámos a repensar a forma de avançar para uma outra fase. O Pedro Cumaio descobriu um músico chamado Eurico Cebolo. É ele que nos facultou instrumentos eléctricos e o local para os ensaios. Essa atitude abriu novas portas. Integrei-me no conjunto “Os Fantasmas” (éramos tidos como os rivais dos “Monstros”) e aí começámos, no bom sentido do termo,

o nosso assalto à zona de cimento. A determinado momento o Eurico Cebolo, que para além de músico era empresário, precisava dum baterista e aí levou-me para o “Oceânia”. Para muitos era muito estranho ver no grupo um preto que tocava num sítio chique dali da zona da praia. Logo a seguir o Eurico contrata o Jaimito Machatine. Aí tivemos que dar nome ao grupo. Chamava-se “Vampiros” que tocou no “Oceânia” até o local ser demolido. Dali fui tocar para o “Aquário” e depois para o “Luso”, tendo por companheiro o Mundinho, o Tony e o Zeca Carvalho. Eu cheguei a tocar nos programas da “Hora Nativa” do Rádio Clube de Moçambique. Essa foi, grosso modo a minha trajectória musical, que agora, nos meus sessenta e tais anos de idade, veio despertar com este grupo que se chama TP 50 onde estou integrado.

**JS: Fale um pouco dos estudos...**

**JL:** Eu tive explicações no Xai Xai com uma senhora chamada Marta. A minha primeira classe foi na Escola Mouzinho de Albuquerque. Depois estudei na escola primária João de Deus na Malanga. O ensino secundário foi no Liceu António Enes e no Colégio João de Barros. Em 1974 ingressei no Instituto de Educação Física. Em 1983 fui para o Instituto Superior de Desporto George Dimitrov, na Bulgária, e em 2007 estudei na Universidade Metodista de Piracicaba de S. Paulo, no Brasil. Devo dizer-te que a minha intenção era fazer Direito. Acontece que tive restrições, porque eu tinha vindo duma tropa de elite que eram os comandos. Eu era um dos *comprometidos*.

**JS: Por falar nisso, esteve na reunião com os *comprometidos* orientada pelo Presidente Samora Machel?**

**JL:** Sim, estive. Eu e muitos da minha família. E a figura proeminente que foi atacada por Samora foi um tio-avô meu chamado Enoque Libombo, o tal que foi Presidente do Centro Associativo dos Negros – um velho que tinha uma relação direta com Salazar.

Um homem que fez as opções que fez e foi capturado pelo regime da época. Mas voltei aos meus estudos. Para além das referências que fiz, dei aulas e depois comecei a trabalhar na Direção Nacional de Educação Física. Eu, o Cândido Coelho, o Humberto Coimbra, o Martinho Fernandes, e poucos mais. Nessa altura não havia perspectivas de haver cursos superiores. Em 1982 o Manuel de Moraes tem uma oportunidade de ir estudar para a Alemanha. Como éramos poucos, todos os outros tinham de ficar. O Manecas foi o primeiro quadro a ser formado. A minha oportunidade surge na sequência de uma viagem que fiz com o meu diretor nacional, o João Carlos da Conceição. Fomos participar num Festival de Amizade na então União Soviética. Aí tivemos encontros com representantes de vários países de entre os quais da Bulgária. Um dia, numa visita deles a Moçambique foi feito o convite para enviarmos pessoal para formação. Foi a minha oportunidade de ir para a Bulgária fazer o Mestrado. No decurso da minha estada naquele país fui responsável pelos estudantes moçambicanos e, mais tarde, fui eleito dirigente dos estudantes africanos e um dos responsáveis da Liga Desportiva Africana, composta por estudantes de 40 países que competiam nas modalidades de futebol, atletismo e basquetebol. O meu gosto pela música levou-me a formar um agrupamento denominado “Ngoma |*tambor*| Moçambique”, que atuava em diversas atividades culturais e nas datas festivas de vários países. Este agrupamento chegou a participar no Festival Internacional de Música “Victor Jara”.

**O movimento emancipalista e a maior tomada de consciência social concorreram para a extinção da AFA**

**JS: Nos anos 60 já não existia a separação entre o futebol do subúrbio e do cimento, o que se traduziu na extinção da Associação de Futebol Africana – AFA – e na inte-**

### **gração dos seus clubes e atletas na Associação de Futebol de Lourenço Marques. Que memórias guardas desse tempo?**

**JL:** Os primeiros anos da década de 60 ainda caracterizavam a separação do futebol suburbano. O movimento emancipalista e a maior tomada de consciência social concorreu para a extinção da AFA e para a criação das 3 divisões ao nível da Associação de Futebol de Lourenço Marques. Os clubes da cidade de cimento cooptavam apenas alguns talentos suburbanos. Eram dois mundos diferentes. Eram dois campeonatos, duas maneiras de olharmos as coisas. O horizonte da AFA era doméstico, suburbano, com um raio de ação que poderia chegar, por exemplo, ao bairro do Alto Maé. O tipo social e rácio da classificação que se dava aos indivíduos que militavam no campeonato da AFA não permitia o acesso destes ao campeonato que se disputava na cidade de cimento. Os clubes do subúrbio tinham uma base social de suporte muito forte e facciosa, assente em vários fatores, como, por exemplo, a religião ou a zona de origem do atleta. Este tipo de segregação fez-se sentir mais em Lourenço Marques, na Beira e também, de alguma forma, em Quelimane. Em contraponto todos nós estamos lembrados que de Manjacaze saía Matateu para Portugal, um jogador extraordinário que abriu as portas para outros conterrâneos seus. Esta separação fazia-se sentir muito. Na cidade também havia discriminação embora eu reconheça que havia alguns clubes com uma maior abertura, como, por exemplo, o Primeiro de Maio, o Alto Maé ou o Desportivo. Este fenómeno também acontecia nos subúrbios, nos tais clubes filiados na AFA. Muitos clubes tinham como referência a origem da pessoa, por exemplo, se é de Inhambane ou de Gaza e por aí fora. É por essa via que nascem o Gazense, o Inhambanense e outros. Essa segregação não vinha por acaso. A aceitação de um manhambane ou de um gazense na cidade de Lourenço Marques passava por um processo muito complicado. Um outro caso era do clube João Albasini. Era uma agremiação de mestiços, filhos de rongas com brancos ou

indianos. Havia o Nacional Africano, formado por rongas finórios, que tinham uma ligação com o Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique. Havia o Beira Mar, formado essencialmente por maometanos bem como o Atlético Maometano ou o Mahafil Islamo. Por cultura e tradição, os indianos pendiam mais para modalidades como o críquete, enquanto os negros praticavam maioritariamente o futebol, boxe, ginástica e atletismo. O racismo atingia todos. Não havia indicadores fixos da diferença social na base da raça.

### **JS: Existia também a segregação nos clubes do subúrbio?**

**JL:** Existia, sim. Ai da família dum jovem do Beira Mar que quisesse casar com alguém da família do Nacional Africano. Era uma guerra. Tinha de haver muita gente a interceder para conciliar interesses diversos. Esta problemática da segregação ia até aos níveis mais baixos da nossa sociedade.

### **O vovô está presente. O desporto não pode estar alheio a estas práticas**

**JS: Há um outro fenómeno preocupante, por exemplo, o da prática da feitiçaria. O célebre “vovô” como José Craveirinha lhe chamou. Isso existiu e ainda existe?**

**JL:** Quem pratica desporto é pessoa que vem duma determinada comunidade. Desde muito jovens que praticamos um determinado cerimonial. Nas zonas rurais e não só, para darmos o nome a uma criança que nasce temos de consultar o tal vovô. É uma prática que não vai desaparecer, muito embora se reconheça que há uma pequena franja da sociedade que se está a libertar dessas práticas. O vovô está presente quando pretendemos ascender na nossa atividade profissional, quando pretendemos arranjar uma namorada, quando queremos comprar um carro e por aí fora. O desporto não pode estar alheio

a estas práticas. Isto sempre existiu, quer nos clubes do cimento, quer nas agremiações do subúrbio filiadas na AFA. Essa prática continua e com muita força. Mentira será quem diga que não. É uma situação muito difícil de ultrapassar. Hoje ela é reforçada pela existência de muitas seitas religiosas que pululam em todas as esquinas. Infelizmente, a feitiçaria fez-se sentir no BEBEC<sup>1</sup>, passa pelos Jogos Escolares e atinge o desporto de alta competição.

**JS: O Joel andou pela radiodifusão, especialmente nos relatos desportivos em língua ronga. Como foi que isso aconteceu?**

**JL:** Creio que ia eu entrar para os 20 anos quando sou abordado pelo Eldorado Dabula. O pai estava com sérios problemas de saúde que acabaram afectando as cordas vocais. Estava afónico. Ao Eldorado cabia identificar entre os amigos alguém que falasse e regdisse em ronga. Fui o prendado. Sou encaminhado à D. Flávia Fonseca e ao Sr. António Alves da Fonseca, nas “Produções Golo”, que me fizeram passar pelo crivo de voz, leitura, cultura desportiva, domínio do ronga, entre outras coisas. Passei à primeira, fui adestrado por algumas semanas com gravação de *spots*, simulação de relatos e depois disso «entregue à bicharada» nos campos e pavilhões. Iniciei pelos *spots* publicitários, depois comentários, seguiram-se as entrevistas e, finalmente, algumas franjas de relatos. Hassane Zubaia foi meu grande mestre e mentor neste officio. Volvidos dois anos ingressei no serviço militar obrigatório. A Rádio foi uma experiência de vida, fantástico ambiente de trabalho e um aprendizado que perdurou na minha vida profissional.

**JS: Como era a vida no bairro onde vivias? Havia alguma diferenciação social?**

**JL:** No Chamanculo onde vivi havia diferenças abissais que se faziam sentir, por exemplo, nas casas de caniço e de madeira e zinco, na situação da salubridade. Moravam ali trabalhadores de diversos ramos como, por exemplo, latoeiros, mecânicos, enfermeiros, funcionários subalternos, vendedeiras dos mercados, operários das fábricas de castanha de cajú, da borracha, machambeiros. A prática desportiva era centrada basicamente no futebol, atletismo, boxe e ginástica.

**Nós introduzimos regras incríveis como, por exemplo, a criação de equipas mistas no processo de emancipação da mulher**

**JS: A determinada altura é chamado a exercer cargos governamentais, como por exemplo o de vice-ministro da Cultura, Juventude e Desportos (1995) e de ministro da Juventude e Desportos em 1999. Como foi?**

**JL:** Eu acompanhei todo o processo nos períodos da transição e pós-independência do nosso País. Digamos que era produto da casa. Trazia vícios, era elogiado pelas vitórias e culpado pelas derrotas, mas tudo isso era resultado de desconhecimento, de ingenuidade. As pessoas que dirigiam a atividade desportiva eram pessoas muito mais velhas do que eu. Essas deixaram o País. Ficamos nós, muito sonhadores, muito influenciados pela doutrina marxista. Quisemos transpor essa política para o desporto. Nós introduzimos regras incríveis como, por exemplo, a criação de equipas mistas no processo de emancipação da mulher. Um rapaz que fin-tasse muito, quando chegasse perto da baliza, tinha de esperar pela menina para marcar o golo. Tudo isto fez com que desvirtuássemos um pouco os princípios básicos que regem

<sup>1</sup> BEBEC é designação de competições desportivas (futebol) infantis/juvenis criadas em 1988. A origem está no nome de uma empresa – SOBEC, Sociedade de Bens e Consumo –, cujos dirigentes foram os criadores destas competições infantis. Após a extinção da SOBEC, os que assumiram a gestão das competições infantis designaram-nas de BEBEC, derivada de BEBÉ+C, competição de “putos”. O intento era a criação de um campeonato nacional de infantis/juvenis. Este tipo de competições está pouco mais que moribundo.

a atividade de educação física e desporto. Mesmo assim formámos professores e foram estes que, com toda a espécie de dificuldades, levaram o andebol para o Niassa, o basquetebol para fora da capital e criaram as bases para a realização dos Jogos Escolares. Essa primeira geração influenciou muito a nossa forma de ser e de estar no desporto. Nos cargos para os quais fui nomeado as prioridades estavam centradas na formação e no enquadramento jurídico que levasse à criação da Lei do Desporto, que foi aprovada em 2002. Como na altura já estávamos numa fase de descentralização, aproveitámos o momento para criar um conjunto de instituições cuja existência hoje pode ser questionada. Foi necessário criar uma almofada, o que permitiu distribuir responsabilidades. Nós tivemos um grande problema que na minha opinião ainda subsiste e que está relacionado com os Jogos Escolares. Havia, e ainda há, dois comandos; o Administrativo com o Ministério da Educação e o Desportivo com o Ministério da Juventude e Desportos. Enquanto não se resolver este problema vamos continuar a drenar dinheiro desnecessariamente. Aproveitaríamos, sem dúvida, os professores de educação física e os técnicos que vamos formando. Basta olhar para os países aqui à volta. Esta é a experiência da Zâmbia, do Zimbabwe e de outros países da região que tem dado resultados frutuozos. Os Jogos Escolares são uma questão política e se calhar por causa da visibilidade que dá, está no ponto onde está.

**JS: A primeira Constituição de Moçambique (1975) não dedica um único artigo ao desporto. Foi preciso esperar pela década de 90 para essa área social ser inserida na Constituição de 1990, com algumas alterações nas revisões seguintes.**

**JL:** Nós levantamos essa questão e o conceito do legislador na altura é que desporto era educação, educação física, cultura física. O desporto de alta competição era visto como uma coisa à parte. Por vezes a nossa falta de visão levou a esse estágio. Mas fomos batendo no sentido de que o desporto fosse

reconhecido. O impacto da atividade desportiva levou a que o Governo reconhecesse essa realidade.

### **Salvo raríssimas exceções, dirigentes houve sem nenhuma sensibilidade para o desporto**

**JS: Temos hoje mais e melhor desporto do que tínhamos nos períodos pré (anos 60/70) e pós Independência até aos anos 90?**

**JL:** Penso que é difícil definir fronteiras. Entre 82 e 85 conseguimos ir aos campeonatos africanos (CAN) graças ao trabalho que vinha sendo feito pelas autoridades do tempo do Conselho Provincial de Educação Física (Professores Noronha Feio e Mirandela da Costa), particularmente na realização de torneios em várias modalidades. Nós beneficiámos deste movimento na criação de infraestruturas, do envolvimento das empresas, e da atividade desenvolvida pela Junta de Ação Social do Ministério do Trabalho. Esta JAST foi criada nos anos 60, dependia da Secretaria de Estado do Trabalho e tinha, por finalidade, a organização e a gestão do desporto nas empresas. Esta situação permitiu que nós pudéssemos sobreviver até 1985/1986. Nesse período estávamos no *top* de algumas modalidades, com particular destaque para o basquetebol e, de alguma forma, o andebol. Um dos nossos ganhos foi formar professores de educação física com nível básico, o que permitiu movimentar as crianças na escola.

Em contrapartida, não conseguimos absorver novos talentos que se evidenciavam nos Jogos Escolares porque não tínhamos essa capacidade. Não se pode tirar o mérito ao Partido no poder e, especialmente, a Jacinto Veloso no que à movimentação das nossas crianças diz respeito. Foi necessário fazer isso. Conseguimos, embora numa forma muito localizada. O investimento no desporto foi e continua a ser pobre. Ainda não encontramos o caminho. Os dirigentes desportivos fazem-se a partir da escola. Nós temos problemas

de liderança desportiva que se agudizaram quando iniciámos o processo de ligação clube-empresa. Salvo raríssimas exceções, dirigentes houve sem nenhuma sensibilidade para o desporto. Eram colocados a dirigir os nossos clubes ou porque eram diretores de empresa ou porque *eram do Partido*. Essa via de gostar, de ser sócio, de ser aficionado, de defender de forma sã o clubismo, de ter amor pelo clube, tudo isto se perdeu. Hoje alguns dos nossos dirigentes desportistas são aquilo a que chamamos “paraquedistas”. Os clubes precisam de ter um dono.

**JS: Sei que estiveste envolvido em trabalho destinado a reavivar algumas instituições ligadas ao desporto e à cultura, como, por exemplo, a Associação Africana. Foi sol de pouca dura?**

**JL:** Na altura nós definimos três associações que deviam ser devolvidas aos sócios que estivessem interessados em continuar a gerir essas agremiações, nomeadamente, o Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique, a Associação Africana e a Associação dos Naturais, que de colonial ou reacionário não tinham nada. Surgiu a facilidade na Associação dos Naturais através do João Wate e de um grupo de pessoas interessadas em desenvolver ali uma série de atividades. No “Ntsyndza” – Centro Cultural Municipal de Maputo – apareceu um grupo que dinamizou esse processo de devolução e dele faziam parte o Armando Panguene e a Lina Magaia, entre outros.

**JS: Joel, quer deixar aos mais novos um conselho para trabalhar na área da educação física e desporto?**

**JL:** Sim! O desporto tem de ser entendido em diversas vertentes. Uma é a componente educativa que deve começar na creche com programas e orientações claras, para que a criança cresça livre e sem amarras. Quando se chega à escola primária, esses alunos devem

ter professores com vocação para introduzir jogos educativos à infância. Os nossos professores devem estar mais estimulados para dar aulas e, fora do período de trabalho, colaborar no sentido de assistir e encaminhar os nossos jovens para as diferentes atividades que eles queiram realizar. Temos de desbloquear normas rígidas que podem fazer com que a criança se desvie para práticas negativas. A segunda questão relaciona-se com os Jogos Escolares que têm de ter um outro formato, tem de ser o ano todo. Eu até não chamaria Jogos Escolares mas, sim, Desporto Infanto-Juvenil com um comando próprio e não com dois comandos como acontece agora. É «pecado» estarmos em período de férias das nossas escolas e ver os campos de jogos dessas escolas vazios. Temos de libertar as nossas infraestruturas por forma a que gente de todas as idades, de uma forma organizada, as possa utilizar. Com isto criamos integração das pessoas, combatemos a marginalidade, o crime, as práticas negativas. Vamos utilizar o desporto para socializar, o que, para isso, tem de ser feito a partir de um comando devidamente organizado. Nós, antes de termos o *tartan* no Parque dos Continuadores, tínhamos todos os dias aquele local abarrotado. Era gente que vinha de todo o lado para correr, para começar a praticar atletismo. Quando colocámos o *tartan*, essa gente desapareceu porque se começou a exigir pagamento para utilização daquele local. Resultado: matámos o atletismo. Temos de rever este processo de criação de medidas administrativas que prejudicam a prática do desporto. Um outro pormenor: é necessário devolver a gestão desportiva a pessoas que gostam, que sabem, que entendem e que fazem por amor, por vocação, com vontade de trabalhar. Temos de mudar esta situação. É uma mudança difícil, porque não é por decreto que isso acontece. Temos de rever a Lei do Mecenas por forma a que ela beneficie mais aqueles que investem. Em todo este processo a Comunicação Social tem um papel importante a desempenhar.